

trançando arumã

saberes e práticas dos homens wajãpi

Nós, Wajãpi do Amapari, moramos no estado do Amapá, na Terra Indígena Wajãpi (TIW).

Antes da chegada da Funai, nós já conhecíamos não indígenas, como caçadores e garimpeiros, que circulavam pelo nosso território. As pessoas mais velhas de hoje ainda eram crianças quando os garimpeiros chegaram. Eles trabalhavam com ouro. Trouxeram ferramentas, sal, açúcar, roupas velhas e cachaça, que trocávamos pelas nossas coisas. Também trouxeram doenças. No contato com eles, muitas pessoas morreram de sarampo e gripe.

A Funai chegou em 1973, quando o governo estava construindo a rodovia Perimetral Norte em nosso território. Trouxe facão, pano, fósforo, espingarda, panela, rede e remédios, deixando os Wajãpi felizes. Então a Funai juntou todos os sobreviventes das epidemias, que moravam em regiões diferentes, no posto do Tataira. Tinham sobrado só 150 pessoas.

Com a Funai, foi iniciado o processo de identificação e delimitação da nossa Terra Indígena, que demorou muitos anos. Conseguimos expulsar os garimpeiros na década de 1980. A demarcação só foi concluída e homologada em 1996. Muitos Wajãpi trabalharam na abertura das picadas de demarcação e até hoje trabalhamos para manter essas picadas sempre limpas e evitar invasões.

Nossa população voltou a crescer e as famílias voltaram a fazer suas aldeias em regiões onde viviam antes. Nós Wajãpi temos vários subgrupos, que chamamos de wanã kõ. Cada subgrupo vem de uma região diferente e tem conhecimentos, sotaques, histórias e festas diferentes. Atualmente somos mais de 2 mil pessoas e temos mais de 140 aldeias na TIW. Nossas famílias costumam ter mais de uma aldeia e circular entre elas. A mobilidade territorial é muito importante no nosso modo de vida.

• • • • •

Este livro foi produzido em quatro oficinas realizadas entre 2024 e 2025, reunindo mulheres de diferentes gerações e diferentes grupos locais wajãpi, com o objetivo de sistematizar e divulgar saberes e práticas relacionados à sua tecelagem de algodão. O livro possui uma versão em língua wajãpi, para uso interno das comunidades, e outra em português, para divulgação externa.

A produção dos livros foi a última etapa de um conjunto de atividades voltadas ao fortalecimento da transmissão de conhecimentos tradicionais entre as gerações, que incluiu também oficinas práticas e rodas de conversa para a transmissão de técnicas produtivas e uma ampla gama de saberes associados. O processo envolveu ainda a realização de pesquisas e registros audiovisuais por jovens de diferentes regiões da TIW.

Todo esse trabalho fez parte do projeto “Nossas terras, nossas aldeias”, desenvolvido pelo Iepé nas Terras Indígenas do Amapá e norte do Pará entre 2022 e 2026, com apoio da União Europeia.

trançando arumã

saberes e práticas dos homens wajãpi

Aremã Waiãpi
Ediuki Waiapi
Janaimã Waiapi
Japaita Waiãpi
Juninho Waiãpi
Karapujano Waiãpi
Karipino Waiãpi
Kurapi’a Waiãpi
Kurawaira Waiapi
Marãte Waiãpi
Matã Waiãpi
Mauraiky Waiãpi
Mekioki Waiãpi
Patei Waiãpi
Patire Waiãpi
Paulinho Waiãpi
Pauri Waiãpi
Renio Waiãpi
Ripe Waiãpi
Semusu Waiãpi
Sewarai Waiãpi
Sisiwa Waiãpi
Tupini Waiãpi
Turaini Waiãpi
Turuku’ã Waiãpi
Wawai Waiãpi
Welliton Waiãpi

Iepé 2026

O Iepé é uma organização sem fins lucrativos, fundada em 2002, com o objetivo de contribuir para o fortalecimento cultural e político e para o desenvolvimento sustentável dos povos indígenas que vivem no Amapá e norte do Pará. O Iepé proporciona assessoria especializada e capacitação técnica diversificada para que se organizem e atuem em defesa de seus direitos e interesses, enfrentando de forma articulada os desafios que se colocam hoje para suas comunidades e organizações.

Conselho Diretor: Marina Kahn (presidente), Lúcia Hussak Van Velthem (vice) e Ruben Caixeta de Queiroz

Conselho Editorial: Denise Fajardo, Dominique T. Gallois, Luis Donisete B. Grupioni, Lúcia H. Van Velthem e Lux B. Vidal

Coordenação Executiva: Luis Donisete B. Grupioni

Programa Wajãpi: Juliana Rosalen e Lúcia Szmrecsányi (coordenadoras), Daniel Maciel, Giovani Musial, Gutcha Ramil Magalhães, Lorena de Lima, Rodrigo Siqueira Ferreira, Valdemir Furtado e Yasmim Oliveira

Produção do livro
Coordenação das oficinas: Igor Scaramuzzi
Colaboração nas oficinas: Bruno Huyer e Gutcha Ramil Magalhães
Edição e revisão dos textos: Igor Scaramuzzi, Juliana Rosalen e Lúcia Szmrecsányi
Capa e projeto gráfico: Luciano Pessoa
Fotos: Bruno Huyer, Ediuki Waiãpi, Gutcha Ramil Magalhães, Kuaray Aldo Ferreira, Sewarai Waiãpi, Tapeke Waiãpi

Realização

Apoio à produção e publicação do livro

União Europeia

Rainforest Foundation Norway

Índice

07 **Importância dos utensílios e artefatos de arumã**

08 **Origens do arumã, dos trançados e dos nossos conhecimentos**

13 **Jeitos de aprender e ensinar**

19 **Padrões de trançado e grafismos *kusiwarã***

20 **Tipos de arumã**

26 **Artefatos e utensílios feitos de arumã**

49 **Outros materiais usados na produção dos artefatos e utensílios**

Importância dos utensílios e artefatos de arumã

No nosso modo de vida é muito importante a produção dos utensílios de arumã e os jovens precisam aprender.

O arumã, que chamamos de *uru*, é uma planta que vive nas florestas da Terra Indígena Wajãpi e outros lugares da Amazônia. Nós, homens, tiramos as fibras do arumã para produzir vários tipos de utensílios usados pelas nossas mulheres, como tipitis, peneiras e cestos. E com esses utensílios que elas trabalham no dia a dia para preparar a nossa alimentação, fazer tapioca, tucupi, farinha, beiju, e a nossa bebida tradicional, o caxiri. Se os homens não aprenderem a fazer vários tipos de utensílios, não poderemos produzir nossos alimentos tradicionais.

Fazer utensílios de arumã é fundamental no nosso modo de vida e não é de hoje que surgiram os nossos conhecimentos e habilidades para essa produção. Desde nossas origens, os nossos avôs já faziam utensílios de arumã, e até agora esses conhecimentos e habilidades estão sendo repassados de geração em geração.

Origens do arumã, dos trançados e dos nossos conhecimentos

De acordo com cada subgrupo wajãpi (*wanã kõ*) e de acordo com cada conhecedor e conhecedora, temos versões diferentes de histórias e narrativas sobre os mesmos temas e assuntos. Assim também acontece com as histórias sobre a origem do arumã e sobre as formas como os Wajãpi aprenderam a fazer os trançados, utensílios e artefatos desse material. Além dos nossos antepassados, de outros povos indígenas e do nosso criador Janejarã, que é nosso dono, essas histórias também falam sobre outros *ijarã kõ* – os donos dos animais, dos rios, das árvores, das florestas, das montanhas, que cuidam de todos esses seres e lugares. Esses donos existem desde os tempos das origens e geralmente são invisíveis para as pessoas comuns. Todos os *ijarã kõ* são como a gente (humanos) na sua própria visão, mas podem aparecer para nós de formas diferentes, de acordo com a sua vontade. Somente os pajés podem ver a forma como eles são de verdade.

As narrativas sobre as origens dos nossos conhecimentos também explicam as regras que temos que seguir para usar o arumã, de acordo com seu dono. Se essas regras não forem cumpridas, as pessoas podem ter muito azar, doenças e outras coisas ruins.

Abaixo registramos duas histórias diferentes sobre as origens dos trançados de arumã.

História contada pelo tãmo Matã Waiãpi

Antigamente, quando nossos antepassados já trabalhavam com as fibras de arumã, um dia eles se reuniram para ir até o local onde morava o dono do arumã, que chamamos de Urusi'iwa. Esse dono aparece para nós como uma cobra sucuriju. Ao lado dele os nossos antepassados aprenderam a fazer vários tipos de utensílios, como a peneira *orõpe*. Também aprenderam vários tipos de trançados que revelam os nossos padrões gráficos *kusiwarã*, como o caminho de formiga (*asa'y rape*) e o nariz de lagarto verde (*teju sĩgwerã*).

Desde aquela época, nossos antepassados foram aprendendo a trançar o arumã com outros seres que conviviam com eles, como o Urusi'iwa. Alguns conhecimentos foram aprendidos com o nosso dono, Janejarã. Nossos antepassados também aprenderam a fazer artefatos com outros povos indígenas, como os Wayana e os Apalai, e com outros subgrupos wajãpi (*wãna kõ*), como o subgrupo que vivia no lugar que chamamos de Pirawiri.

Foi assim que os nossos conhecimentos sobre os trançados de arumã foram sendo aprendidos e transmitidos até aos dias de hoje.





História contada pelo tãmo Ripe Waiãpi

No início dos tempos não existia arumã, nem existiam utensílios e artefatos. Toda a comida se fazia sozinha, ninguém precisava trabalhar. Os alimentos – as carnes, os alimentos feitos de mandioca, as frutas – se ofereciam prontos para nossos antepassados.

Então, nos tempos das origens, os nossos antepassados (*taivĩgwerã*) não sabiam fazer artefatos de arumã. Naquela época, eles conviviam com o nosso dono e criador Janejarã aqui na terra. Depois Janejarã criou o arumã, que apareceu em grande quantidade na floresta, principalmente nos igapós, nas matas alagadas e na beira dos igarapés. No início, o arumã se trançava sozinho e ele mesmo criava alguns tipos de utensílios. O próprio arumã tirava sua fibra e se trançava para fazer os artefatos.

Janejarã perguntou se isso estava bom para nossos antepassados e eles disseram que não. Disseram que não queriam que fosse assim e pediram para aprender a trabalhar com o arumã. Desde então, o arumã parou de se trançar sozinho. Janejarã falou que dali para frente os nossos antepassados deveriam aprender a fazer os trançados e artefatos de arumã.

Então Janejarã ensinou os Wajãpi a fazerem alguns artefatos e alguns tipos de trançados, como as peneiras *orõpe*, o tipiti e o ornamento *ay so´ã*, usado na festa do Pakuwasu.

Junto com o arumã, foi criado também o dono do arumã, um ser invisível para a maioria de nós, que passou a ser responsável por tomar conta e cuidar do arumã até os dias de hoje.



Os nossos antepassados viam o dono do arumã como uma cobra sucuriju, mas os pajés veem ele como uma pessoa, como ele mesmo se vê. Os nossos antepassados também conversavam com o dono do arumã. Ele explicou várias regras que os Wajãpi devem cumprir para trabalhar bem com o arumã. Falou para eles não trabalharem com o arumã tendo filhos recém-nascidos, para não jogarem restos de arumã nos arredores das casas, para não jogarem os utensílios ou artefatos de arumã no fogo quando eles ainda puderem ser usados, e outras regras.

A planta do arumã e o artefato feito de arumã continuam sempre ligados pelo seu princípio vital (*i'ã*) ao dono do arumã. Por isso, o dono consegue perceber quando suas regras são quebradas e pode causar doenças e coisas ruins para as pessoas.



Jeitos de aprender e ensinar

Geralmente, é o pai que começa a ensinar seus filhos a fazerem utensílios de arumã. Na primeira etapa do aprendizado, o pai fica do lado do filho, orientando para ele não errar o trançado. Fica conversando com ele para fazer um trabalho bem-feito e, aos poucos, adquirir habilidade para fazer os trançados com rapidez. Para fazer utensílios de arumã, não podemos levar muitos dias para terminar o trabalho, senão as fibras do arumã não ficam mais resistentes e se quebram.

Depois, na segunda etapa de aprendizagem, para experimentar sua capacidade e habilidade de trabalhar sozinho, o pai já não fica perto do filho. Ele só acompanha o trabalho quando o filho está com alguma dúvida ou dificuldade. Era assim que os nossos avôs (*tamõ kõ*) faziam com os seus filhos para ensinar, e assim é o jeito dos filhos aprenderem com seus pais a fazer os utensílios de arumã até hoje.

Aprendemos desde crianças a fazer artesanatos e utensílios com nossos pais, mas também podemos aprender de outros jeitos, com moradores de outras regiões do nosso território. Quando vamos passear ou visitar outras aldeias, sempre aproveitamos para aprender com outras famílias e ensinamos também.

Quando um Wajãpi vai para outra aldeia, ele observa os artesanatos ou utensílios que estão embaixo das casas dos moradores. Observando, ele pode aprender a fazer. Depois, quando volta para sua aldeia, ele copia os trançados que os parentes fizeram nas peneiras ou nos cestos. Foi assim que os nossos avôs aumentaram seus conhecimentos sobre utensílios e

padrões de trançados e foram repassando seus conhecimentos para seus filhos e netos.

Os mais velhos, sempre que se reúnem, conversam sobre utensílios e sobre os jeitos de trabalhar com o arumã. Dizem, por exemplo, que para aprender a tirar bem a casca de arumã não podemos comer qualquer tipo de comida. Explicam que, para aprender a fazer os utensílios, precisamos começar com os mais fáceis e só depois passar para os mais difíceis. Aprendendo um tipo de cada vez, a gente vai aumentando a nossa habilidade. Antigamente, os nossos avôs sempre dialogavam entre eles, contando para os outros se os filhos deles estavam fazendo bem os utensílios, se sabiam fazer todos os tipos de utensílios e todos os padrões de trançado.

Antigamente, se uma pessoa não sabia fazer utensílios, isso era motivo de muita vergonha para ela. Por isso, nossos avôs sempre falavam para seus filhos ou netos que eles tinham que aprender a fazer os utensílios desde crianças. Esse conhecimento garantia que os jovens, quando cresciam, não ficavam dependentes dos pais, irmãos ou cunhados.

Nossos avôs falavam que o jovem só podia se casar quando soubesse fazer tudo o que um adulto wajãpi precisava fazer, principalmente os utensílios e artefatos de arumã. Isso é muito importante porque, quando um homem se casa, a sua esposa precisa de muitos utensílios para seus trabalhos cotidianos. Assim que nossos avôs ensinavam seus filhos a fazer utensílios de arumã e assim é o jeito dos filhos aprenderem com os seus pais até hoje.

Tratamentos e cuidados para o jovem aprender bem

Quando o jovem faz a seu primeiro utensílio, ele tem que ter cuidado. Não é qualquer pessoa que pode usar esse utensílio. Se isso acontece, o jovem pode perder seus conhecimentos e sua habilidade para fazer os trançados. Somente a sua mãe e suas irmãs podem usar os primeiros utensílios produzidos pelo jovem.

Se outra pessoa pegar esse utensilio ou artefato, isso pode levar o jovem a perder o interesse em produzir ou perder os conhecimentos que já aprendeu. Temos que cuidar bem dos primeiros objetos que produzimos, não podemos jogar eles em qualquer lugar, não podemos jogar eles no fogo. O cuidado com os primeiros artefatos é fundamental para o jovem fixar suas habilidades.

Pelas nossas regras, quando os jovens já fazem muitos utensílios, não tem problema dar para outras pessoas usarem, mas mesmo assim precisamos ter cuidado com os utensílios ou artefatos de arumã. A pessoa que recebe um utensílio não pode fazer qualquer coisa com ele, porque o princípio vital (*i'ã*) desse artefato permanece ligado com o da pessoa que fez.

Isso é parecido com o que acontece quando o jovem mata a sua primeira caça. Quando isso acontece, não é qualquer pessoa que pode preparar e comer a caça, porque nunca se sabe se as pessoas que não são da família vão cuidar bem da caça morta, se vão jogar seus ossos no lugar certo e respeitar seu cadáver. Se a primeira caça for mal-cuidada, o jovem pode ficar com azar (*panemã*) e não conseguir mais caçar no futuro. A caça que foi morta permanece ligada com a pessoa que a matou e com o dono da caça, assim como os utensílios ficam ligados com a pessoa que os produziu e com o dono do arumã.

Temos vários jeitos de fazer tratamentos tradicionais para as crianças aprenderem a trabalhar bem com arumã. Por exemplo: usamos a fumaça do ninho de uirapuru ou, às vezes, dos ninhos de japiim. Essas aves são

capazes de construir ninhos muito bem-feitos e muito rapidamente. Por isso, queimamos os ninhos delas para as crianças colocarem as suas mãos na fumaça. Pela fumaça, a habilidade desses pássaros pode ser transferida para as crianças. Assim elas vão saber fazer bem utensílios e artefatos no futuro.

As mãos do quati também são um remédio tradicional para os homens. Passamos as mãos do quati nas mãos das crianças toda manhã quando elas acordam. Os quatis andam em bando e fazem sua casa muito rápido. Eles começam a construir sua casa cedo, por volta das 6 horas da manhã – e às 7 horas eles já terminaram. Com esse remédio, as crianças, quando crescerem, no futuro, vão fazer artesanatos ou utensílios bem-feitos e vão trabalhar rápido, sem demorar para terminar seus trabalhos do dia a dia.

As moscas ou mosquitos, que chamamos de *meru*, também têm grandes habilidades. Algumas moscas fazem desenhos bonitos nas folhas das árvores e fazem muito rápido também. Usamos as folhas desenhadas por essas moscas para lavar as mãos das crianças.

Esse uso dos remédios ajuda as crianças a aprenderem bem como fazer os utensílios e objetos de arumã.

Mudanças no jeito de aprender e no interesse dos jovens

Antigamente, nossos avós falavam para seus filhos que eles não podiam crescer sem saber fazer os utensílios. Se isso acontecesse, eles não poderiam se casar – essa era a regra. Os nossos avôs só se casavam quando já sabiam fazer todos os tipos de utensílios, pois sabiam que suas esposas iriam precisar desses utensílios para os trabalhos cotidianos.

Hoje em dia, só alguns jovens aprendem a fazer muitos tipos de utensílios. A maioria deles não está praticando nem aprendendo muito. Os jovens de hoje em dia não prestam muita atenção nos seus pais quando eles estão fazendo os utensílios e não estão muito interessados em aprender. A tecnologia, os celulares e as redes sociais dos não indígenas atrapalham o interesse dos jovens. Por isso que os jovens não fazem utensílios para vender como artesanato e não valorizam nossos conhecimentos sobre utensílios e sobre os trançados de arumã.

Pensando sobre como os jovens se comportam hoje em dia e na sua ligação com os trabalhos de produção de utensílios e artesanato, podemos dizer que algumas famílias também não se interessam mais em ensinar os jovens, preferem que eles sigam o caminho dos estudos para ter um emprego no futuro. Hoje em dia, alguns Wajãpi que já são pais e mães não sabem fazer alguns tipos de artefatos e nem têm como ensinar para seus filhos e filhas.

Algumas famílias estão substituindo alguns tipos de utensílios dos Wajãpi por objetos fabricados pelos não indígenas, como, por exemplo, bancos, panelas, peneiras e outros. Assim, algumas famílias usam tampas de baldes de plástico ou de panelas de alumínio para avivar o fogo, ao invés dos nossos abanos tradicionais; cadeiras de plástico para se sentar ao invés dos nossos bancos tradicionais de madeira; panelas de alumínio para cozinhar, ao invés de nossas panelas de barro, entre outras coisas. Mas as mulheres ainda precisam muito dos nossos tipitis e peneiras para preparar nossas comidas e bebidas. Assim, os jovens que estão se

casando sem saber fazer utensílios de arumã ficam dependendo de seus pais, sogros e outros homens para isso. Eles não levam mais a sério o que diziam os mais velhos sobre como é ruim um jovem não saber fazer os utensílios e ficar a vida toda dependendo de outras pessoas para sua esposa produzir os alimentos para a família. Nossa regra de que mulher casada não pode usar os utensílios produzidos por outro homem está deixando de existir.

Aprender a trançar o arumã é difícil e fica mais complicado ainda quando a pessoa já passou da idade. Além de não saber fazer os utensílios e artesanatos, alguns jovens também não sabem procurar o arumã na floresta, escolher os arumãs que servem para fazer cada utensílio, descascar e tirar as lascas do talo do arumã.

Mas algumas famílias continuam orientando e ensinando seus filhos a fazerem os utensílios e, por isso, ainda temos jovens wajãpi que sabem fazer todos os tipos de artesanatos e utensílios de arumã. Queremos que esse livro ajude a continuidade desses aprendizados, pois eles são muito importantes para que o nosso modo de vida continue existindo e se fortalecendo no futuro.

Padrões de trançado e grafismos *kusiwarã*

Nossos trançados de arumã podem ser feitos com diferentes padrões de desenho, que chamamos de *kusiwarã*. Antigamente, nossos antepassados observaram os animais, vegetais e outros seres para criar esses padrões de trançado, imitando os seus desenhos. Por exemplo: a cobra *arari moe* tem desenhos no seu corpo que achamos muito bonitos. Quando matavam essa cobra, nossos antepassados observavam bem os desenhos e depois copiaram nos seus utensílios.

Eles também observaram o rosto das onças que matavam e viram que os desenhos do rosto delas poderiam ser imitados nas peneiras. Assim, nossos avôs colocaram os traços do rosto da onça no trançado da peneira que chamamos *jawarã rova* (cara de onça). Foi desse jeito que muitos grafismos e desenhos foram sendo recriados nos utensílios do povo Wajãpi.

Outro jeito de aprender os padrões de trançados que utilizamos foi através de ensinamentos do nosso dono e criador, Janejarã, do dono do arumã, Urusi'iwa, de outros povos e de outros subgrupos wajãpi.

Antigamente nós não costumávamos fazer a pintura do arumã para destacar os padrões *kusiwarã* e deixar os utensílios mais bonitos. O subgrupo do Pirawiri foi o primeiro a fazer o experimento de pintar arumã. Para fazer a tinta preta, eles queimaram a resina do breu e misturaram com a casca de uma árvore chamada *sisi*. Dessa experiência deles veio nosso conhecimento de pintar os trançados de arumã, que praticamos e transmitimos até hoje.

Tipos de arumã

Na mata existem vários tipos diferentes de arumã, mas somente alguns têm fibras boas para fazer utensílios e artefatos. Não podemos cortar qualquer tipo. Além disso, temos que saber escolher as plantas na idade certa. O pé de arumã pode ser velho, maduro ou novinho. Não podemos cortar o arumã velho, de nenhum tipo, pois isso pode matar todo o grupo de plantas ligado a este pé. Quando vamos buscar arumã sempre temos que levar nossos filhos ou netos para eles aprenderem a escolher bem os pés para cortar e não terem dúvida depois, quando crescerem.

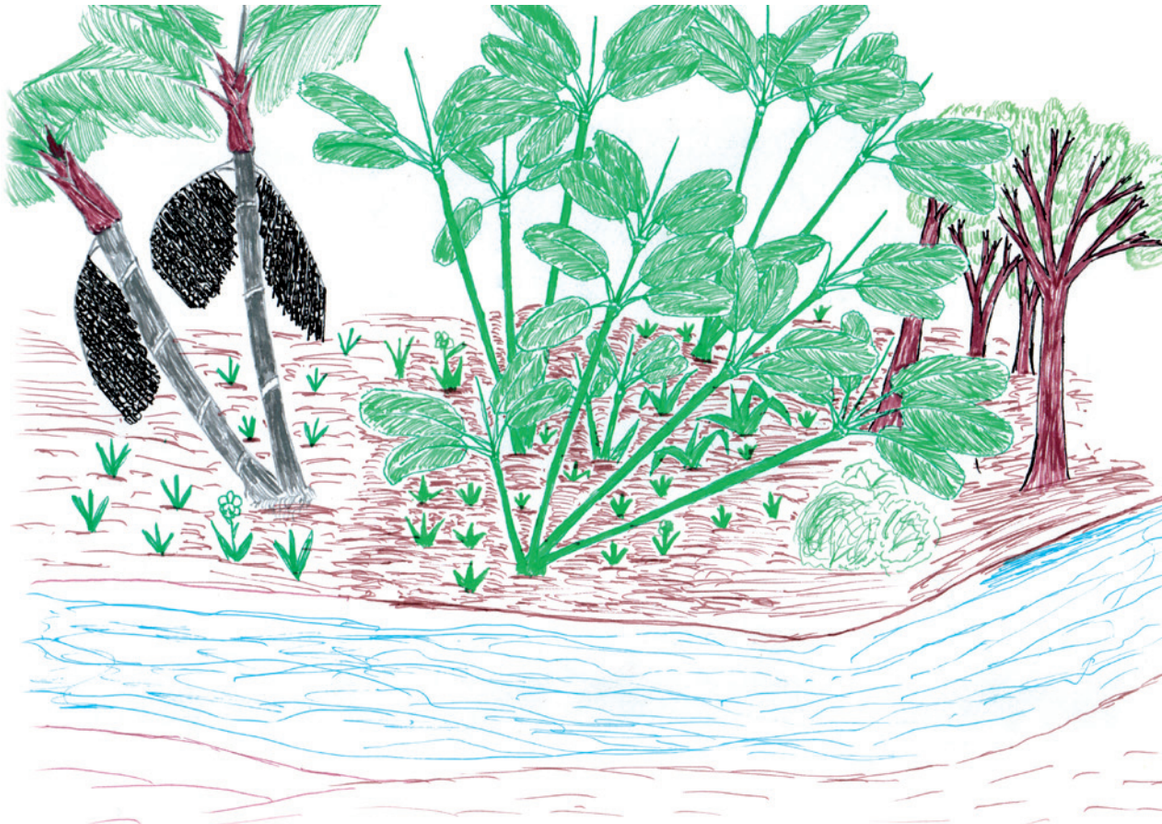




Uru sovã

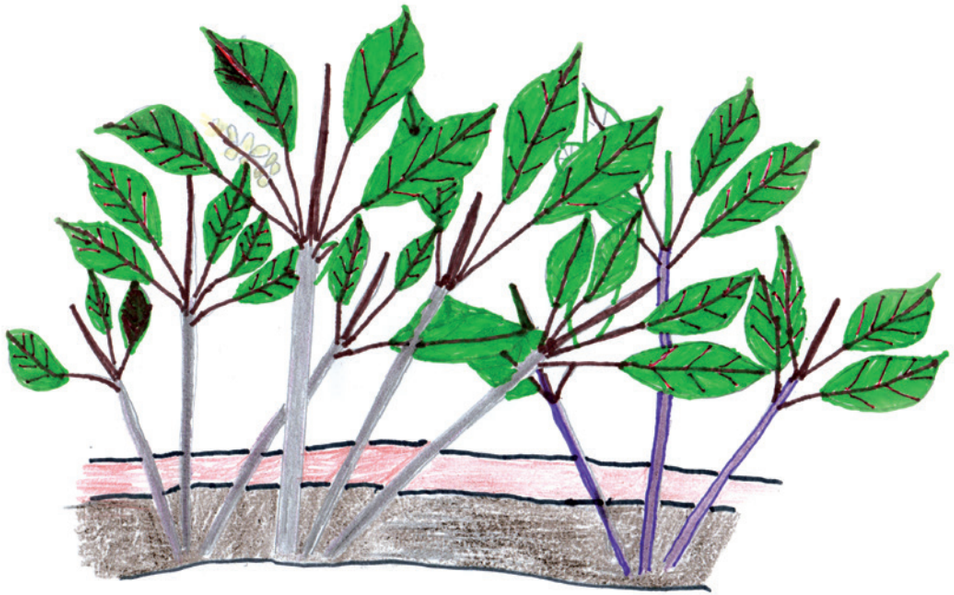
O *uru sovã* é muito comprido, bem roxo, bonito, e as fibras dele são muito resistentes. Por isso ele é bom para fazer tipiti. O *uru sovã* dá bem na beira dos igarapés. Para fazer tipiti não precisamos cortar o arumã no tamanho certo, mas, para fazer peneiras e outros utensílios, sim. Com o *uru sovã* fazemos tipitis, peneiras, abanos, os cestos *panakari*, *rykyry* e *matura* e adornos para festas, como o capacete *a'y sõ'ã*.

Dentro da Terra Indígena Wajãpi, a região da antiga aldeia Taitetuwa é o lugar onde tem maior quantidade de arumã, de tipos diferentes.



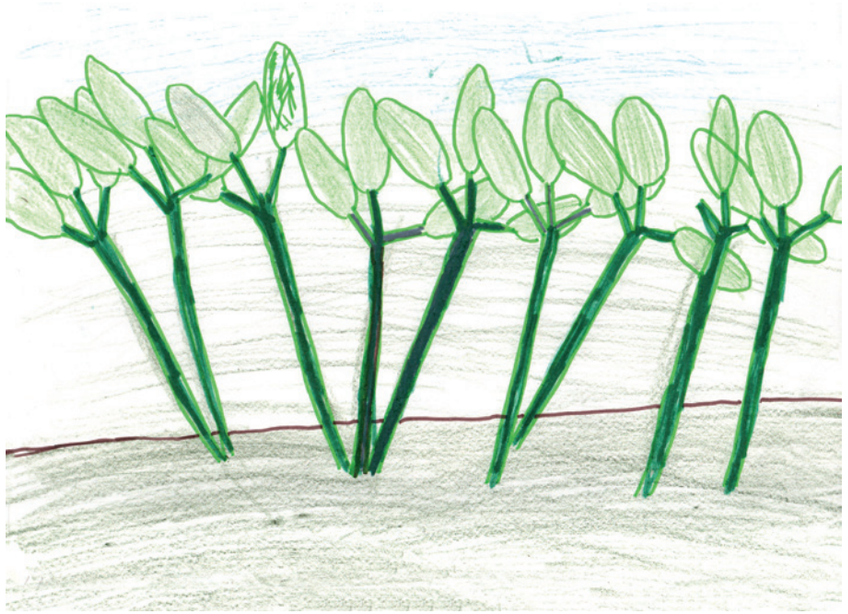
Uru sĩ

O *uru sĩ* não é bom para fazer utensílios. Ele não é resistente. Quando tiramos as fibras dele, elas arrebentam sozinhas. Por isso o *uru sĩ* não serve para fazer os utensílios. Ele vive tanto na floresta como na capoeira. Na nossa Terra Indígena, tem esse tipo de arumã na região do rio Inipuku.



Uru aky

Uru aky é muito verde, não serve para fazer os utensílios, porque as fibras arrebentam. Ele não é comprido e é muito fino. Esse tipo de arumã vive no igapó, na beira dos rios, e também existem alguns grupos na beira dos igarapés. Os grupos desse arumã, são pequenos, formados por poucos pés e touceiras. Esse tipo de arumã só existe na região sul da Terra Indígena, perto do rio Jari.



Uru tawa

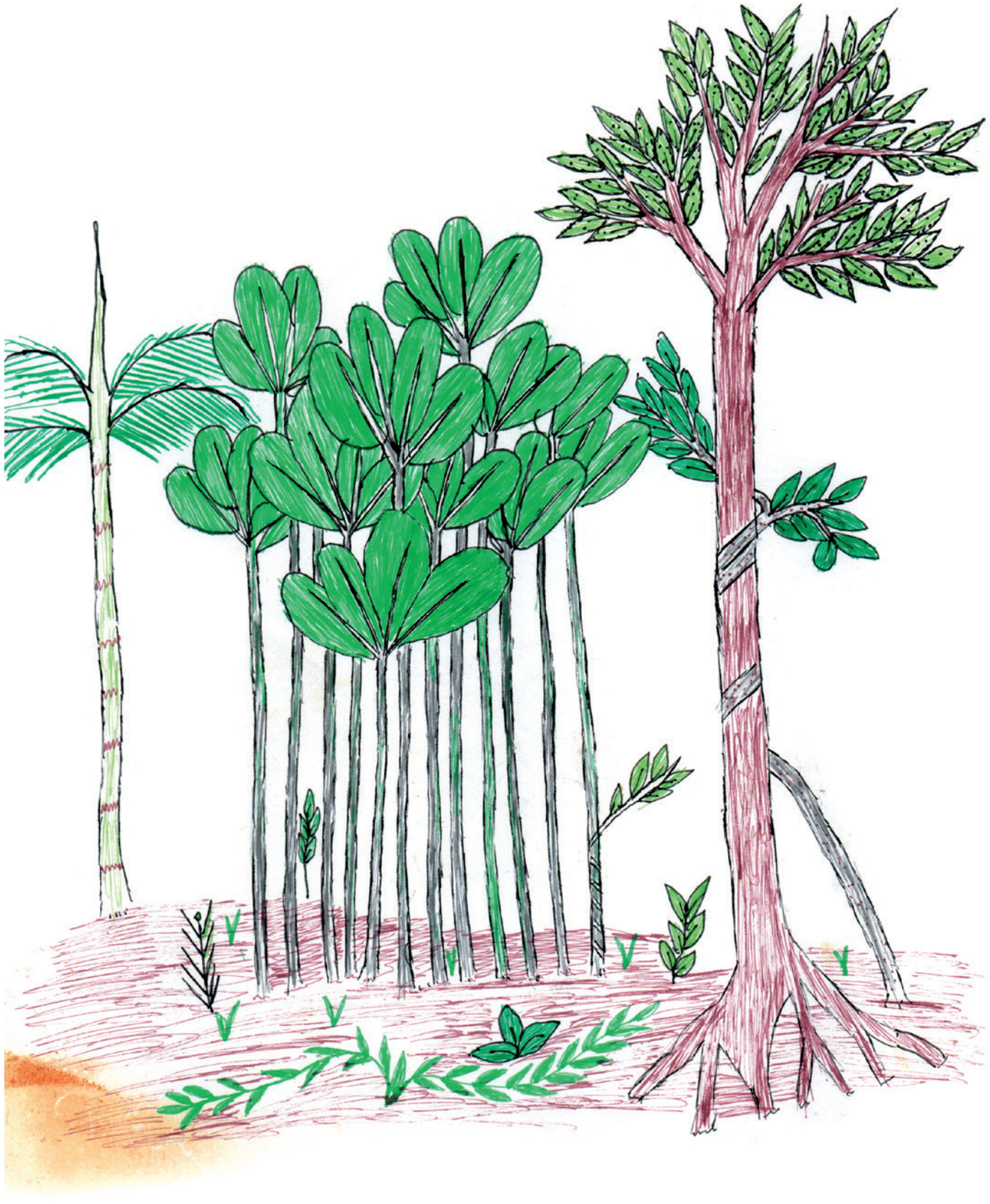
O *uru tawa* é bem amarelo e bem alto. Esse arumã não é bom, os pés dele são tortos. Na beira dos rios tem muito *uru tawa* e no meio dos açaizais também tem alguns.

Uru pãtã

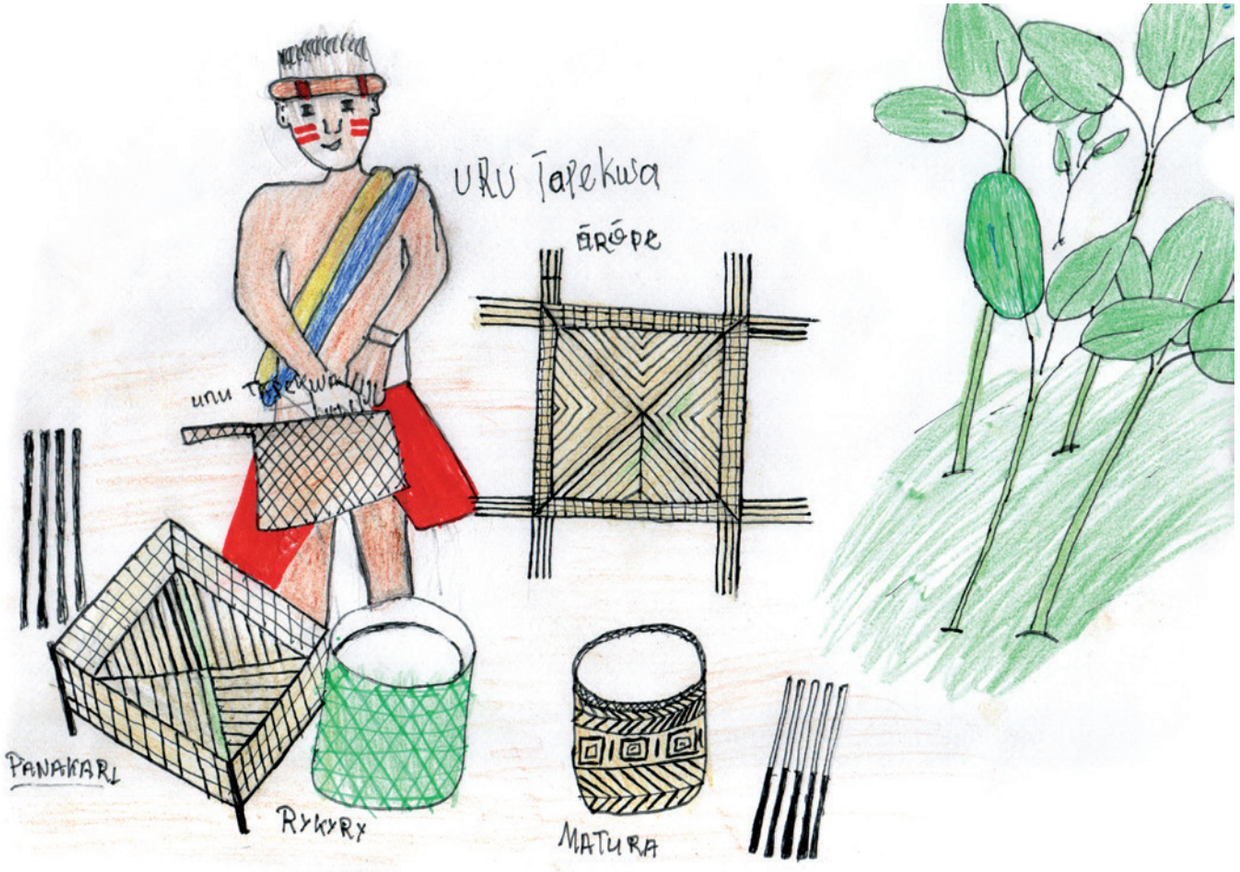
O *uru pãtã* dá na beira do igarapé e na montanha tem também. Ele não serve para fazer todos os tipos de utensílios, somente para alguns tipos de peneira e tipiti. Suas fibras não são muito resistentes e ele não é muito alto.



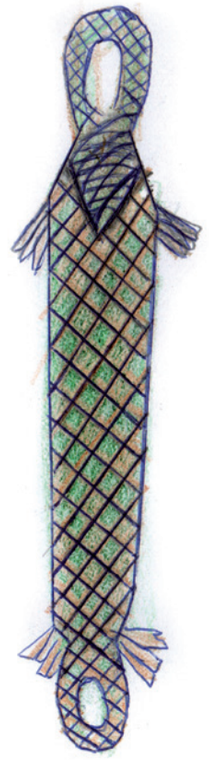




Artefatos e utensílios feitos de arumã



Tipitis



O tipiti, que chamamos de *tepisi*, é usado para espremer a massa de mandioca e tirar o tucupi dela. Depois que a massa é espremida no tipiti, as mulheres podem usá-la para fazer o beiju e as nossas bebidas tradicionais (*caxiris*).

Muito antigamente, um antepassado dos Wajãpi, nosso avô, não sabia fazer tipiti. Por isso, a esposa dele, nossa avó, sempre pedia emprestado o tipiti de outro homem. Ela sempre pedia emprestado o tipiti para o mesmo homem, e ele não gostava que ela ficava pedindo o tipiti a toda hora sem dar nada em troca. Então, ele começou a se aproximar dela, querendo namorar em troca de emprestar o tipiti para ela.

Quando aconteceu isso, nossa avó não quis mais pedir o tipiti emprestado, com medo que acontecesse de novo. Então, ficou muito difícil para ela trabalhar sem o tipiti. Ela resolveu usar suas próprias mãos para espremer a massa de mandioca, fazendo bolinhas para colocar em cima do fogo para secar a massa. Vendo isso, nossos avôs acharam muito ruim e pensaram que um marido que não sabe fazer tipiti traz muita vergonha para sua esposa e até mesmo para as suas famílias.

Essa história, que aconteceu muito antigamente, os nossos avôs sempre contam para seus filhos e netos, para que não fiquem sem saber fazer o tipiti quando crescerem. Os mais velhos conversam com os mais jovens, orientando para eles aprenderem fazer o tipiti desde crianças, porque esse é o principal utensilio para as mulheres usarem nos seus trabalhos do dia a dia. Nossos avôs dizem: "Se o rapaz não sabe fazer tipiti, outra pessoa pode querer namorar com a esposa dele em troca de emprestar seu tipiti."



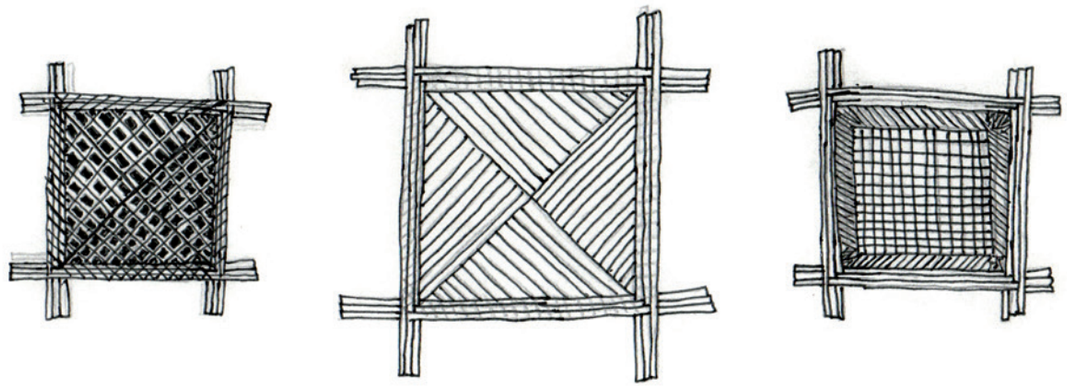
Como aprendemos a fazer o tipiti

Para ensinar a fazer o tipiti, primeiro o pai ensina o filho a fazer outros utensílios mais fáceis, como por exemplo o abano de arumã (*tapekwa*).

Quando o menino já sabe fazer bem esse abano, já pode começar a aprender a fazer o tipiti. Primeiro, ele aprende a fazer um tipiti pequeno. Quando ele já sabe bem como fazer o processo do início até o final, ele já pode fazer um tipiti de tamanho maior, que poderá ser usado por sua mãe e suas irmãs.

No trançado do tipiti básico, que aprendemos primeiro, o desenho ou padrão gráfico que aparece é o do pé da bacaba (*pino'y* ou *wakanã warã*). Depois podemos aprender trançados de tipiti com outros padrões, como, por exemplo, o da fruta de buriti (*myrysi pirã*), o da casa da abelha (*eiru retã*), do caminho da saúva (*asa'y rape*) ou do ziguezague vertical (*upiuwarã*).

O acabamento do tipiti tem que ser bem-feito, não podemos trançar ele de qualquer jeito, senão o utensílio não vai durar muito tempo. Sempre no acabamento o trançado é feito no padrão que chamamos de *moata pirerã* (casco do peixe tamatá).



Peneiras

As peneiras, que chamamos de *orõpe*, são muito importantes para o nosso modo de vida, principalmente para o preparo dos nossos alimentos. Elas são usadas para várias finalidades e existem muitos tipos diferentes de peneiras. Por exemplo: tem uma peneira para coar caxiri; tem outra para escoar a massa da mandioca; outra para peneirar a massa de beiju fino etc.

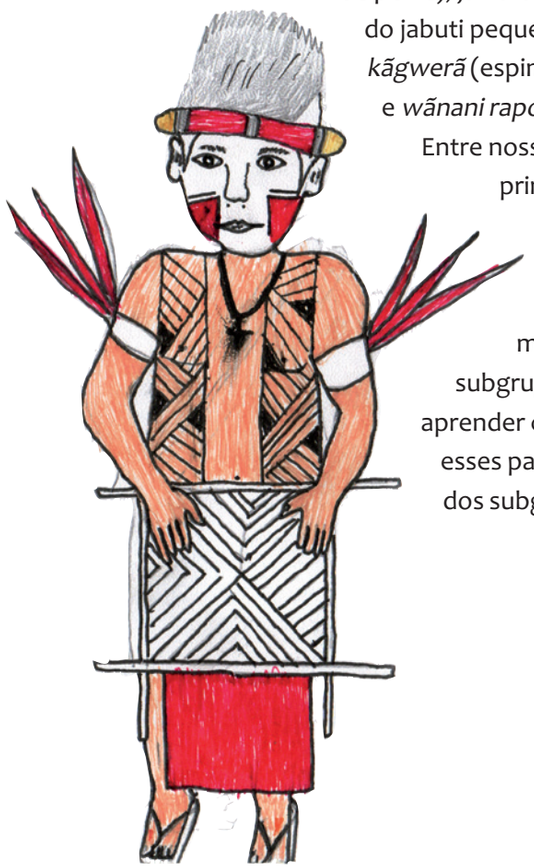
A peneira de olho grande (*orõpe teau*) serve para peneirar a massa de mandioca para a preparação de caxiri. A de olho pequeno (*orõpe tea'i*) serve para as mulheres peneirarem a massa do beiju branco, para peneirar a massa de mandioca na hora de fazer farinha e para tirar a goma da tapioca. Serve também para coar nossas bebidas tradicionais, como os caxiris de mandioca, macaxeira, cará, batata-doce, banana e pupunha. E a peneira fechada (*orõpe my'yi* ou *orõpe ãnã*) serve para coar vários tipos de bebidas, como as de açaí e bacaba. Também serve para peneirar a massa de mandioca e a goma de tapioca.

Quando vamos tirar o arumã para fazer uma peneira, medimos no comprimento certo e cortamos, depois raspamos a casca verde de arumã e partimos no meio para tirar as lascas de fibra.

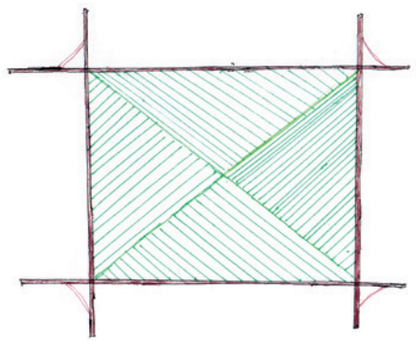
História e padrões gráficos das peneiras

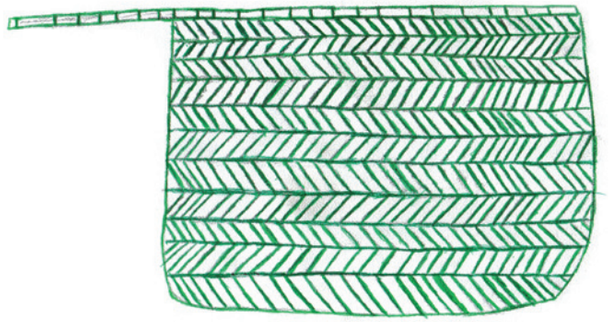
Os nossos avôs já sabiam fazer peneiras fechadas porque Janejarã deixou esse conhecimento para nós. Ele fez uma peneira para mostrar para nossos antepassados, eles olharam e aprenderam. Naquele tempo, eles aprenderam a fazer o trançado das peneiras com os padrões gráficos do peixe sarapó (*arapo*) e do rabo do pacu (*paku rowai apyrerã*). Outros tipos de trançados, com outros padrões gráficos, nossos antepassados aprenderam com outros povos, como os Apalai, e com outros subgrupos wajãpi, como o subgrupo da região do Pirawiri.

Hoje sabemos fazer peneiras com os seguintes padrões gráficos: *arapo* (peixe sarapó), *paku kãgwerã* (espinha de pacu), *pira kãgwerã* (espinha de peixe), *jawarã rova* (rosto da onça pintada), *jãvĩ pire siri* (casco do jabuti pequeno), *siroro rã'ãgã* (pássaro tesoura), *kurewaru kãgwerã* (espinha do lagarto jacuraru), *jãvĩ pirerã* (casco de jabuti) e *wãnani rapo* (raiz da árvore wãnani).



Entre nossos avôs da região do Pypyiny, uma pessoa que primeiro dominou o uso desses padrões gráficos na produção de utensílios foi o *tamõ* Manu. Mas esse *tamõ* saiu da aldeia com um grupo de não indígenas que chamamos de Kamararã e nunca mais voltou. Por esse motivo, outros homens do subgrupo do Pypyiny não tiveram a oportunidade de aprender com ele e só foram aprender a fazer utensílios com esses padrões gráficos algum tempo depois, com pessoas dos subgrupos do Pirawiri e do Kõmakary.





Abano

Antigamente, os mais velhos não sabiam produzir o utensílio que chamamos de *tapekwa*, que é um tipo de abano de arumã. Os antigos aprenderam a fazer o *tapekwa* com outra etnia indígena, os Wayana, que chamamos de Panary. Nós utilizamos esse abano somente para avivar o fogo, ele não serve para o trabalho de virar o beiju de mandioca no forno, porque é muito mole.

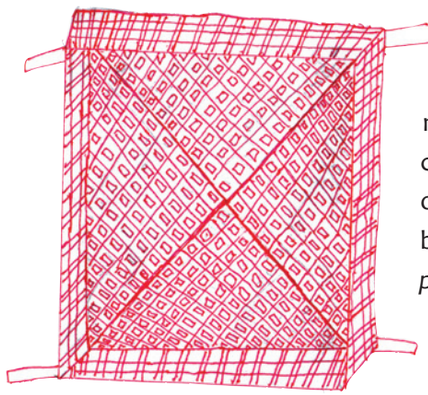
Para finalizar um *tapekwa*, na fase do acabamento, precisamos usar outras matérias primas, que são a cana de flecha e a fibra do curauá. Alguns conhecedores pintam o abano para evidenciar os padrões *kusiwarã* no trançado.

CESTOS

Panakari

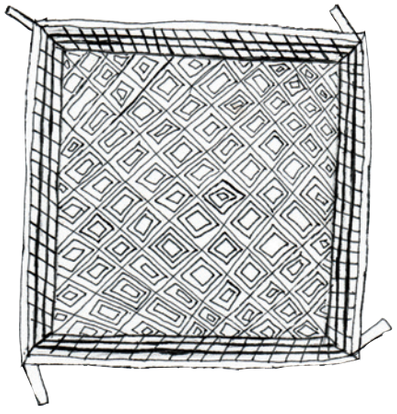
As mulheres usam o cesto panakari como suporte para coar a massa de mandioca, para fazer o beiju e o caxiri. Esse cesto também é usado para guardar a massa de mandioca, farinha ou algodão.

Pintamos o arumã usado na fabricação do *panakari* quando queremos que os padrões de desenhos dos trançados apareçam bem, mas só fazemos isso quando vamos vender o cesto, porque não podemos pintar os utensílios que as mulheres usam no preparo dos nossos alimentos. Quando terminamos de trançar o arumã para fazer o *panakari*, na fase de acabamento, usamos hastes de cana de flecha ou madeira da árvore jasita para fazer os pezinhos.



Aprendemos a fazer o *panakari* e os seus padrões de trançado há muito tempo, com indígenas de outra etnia, que chamamos de Panary ou Wayana. Antigamente, nossos avôs aprenderam a usar o padrão gráfico que chamamos de "espinha de pacu" nos trançados de arumã observando os desenhos que as mulheres panary faziam nos beijus. Desde então, nossos avôs começaram a fazer o cesto *panakari* com esse padrão gráfico.

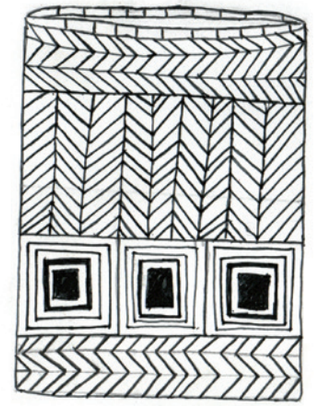
Entre os Wajãpi, os primeiros que aprenderam a fazer o *panakari* foram os homens do subgrupo da região do Kõmakary. Eles também aprenderam a pintar o arumã usado nos trançados, para os padrões gráficos aparecerem bem destacados.



Antigamente, os nossos avôs faziam o trançado do *panakari* com o padrão do peixe sarapó. Mais tarde, aprenderam com o povo Apalai a fazer o padrão de que chamamos de "ninho de juriti" (*pykau rowaity*).

Existe uma regra importante sobre o *panakari*: as crianças não podem ficar dentro dele, senão a coruja *kõkõitõri* pode levar seu princípio vital (*i'ã*), e isso é muito perigoso.





Matura

O *matura* é um cesto utilizado para armazenar algodão e para guardar coisas da casa e objetos pessoais. As mulheres e os homens wajãpi não deixam as suas coisas guardadas de qualquer jeito.

Os *tamõ kõ*, nossos avôs, faziam *matura* grandes. Eles faziam muitos deles para as suas mulheres e para suas filhas também. E muito importante para os Wajãpi saber fazer esse cesto, pois na nossa cultura não é permitido que as mulheres usem *matura* produzidos por outra pessoa que não os seus maridos ou pais. Por isso, nossos avôs sempre ensinaram seus filhos ou netos a fazer esse utensílio desde crianças, para não dependerem de outras pessoas depois de crescer.

Conhecimentos dos diferentes subgrupos wajãpi sobre o *matura*

Antigamente, nossos antepassados só sabiam fazer *matura* no padrão de trançado que chamamos *wakanã warã* ou *pino'y* (tronco de bacabeira). Depois alguns dos nossos avôs foram para a região do Pirawiri e lá as pessoas sabiam fazer outros tipos de trançados. Então

os *tamõ kõ* aprenderam os trançados *upiuwarã* e *myrysipirã* (desenho do fruto da árvore de buriti) com eles. Por isso dizemos que alguns conhecimentos sobre os desenhos dos trançados no matura vieram do subgrupo do Pirawiri.

Jeito de fazer o *matura*

Para fazer matura, primeiro nossos avôs caçavam para ter comida na casa, depois descansavam alguns dias e então saíam para buscar arumã com seus filhos.

Para fazer um trabalho bem-feito, não podemos misturar as atividades, temos que nos concentrar só em um tipo de trabalho. Temos que estar com a cabeça tranquila para fazer os utensílios.

Uma coisa importante é que não podemos levar muitos dias para terminar um *matura*. Quando a pessoa demora muitos dias para terminar de fazer, as lascas de arumã ficam frágeis e quebram facilmente quando são trançadas. Também não podemos colocar o arumã em um lugar onde bate sol, senão as lascas podem ficar secas e quebrar.

Padrões de trançados no *matura*

Existem muitos padrões gráficos que utilizamos nos trançados do cesto matura:

- *Maseweri kusiwa - maseweri* é um tipo de ave e só especialistas sabem fazer esse padrão de trançado no matura;
- *Jawarã rã'ãga* é o desenho da onça pintada e *jawarã rova* é o padrão do rosto dela; só especialistas conseguem fazer os cestos com esse tipo de trançado;
- *Upiuwarã, pino'y, myrysipirã - upiuwarã* é o trançado com ziguezague vertical, como o desenho do casco do peixe tamatá; *pino'y* é o padrão do pé de bacaba, que tem listas horizontais; *myrysi* pirã é desenho da casca da fruta do buriti;
- *Panã kusiwarã* é o padrão de desenho da borboleta;
- *Moju kusiwarã* é o padrão da sucuri; só especialistas conseguem fazer esse trançado no cesto *matura*, porque é muito difícil.

Maturape

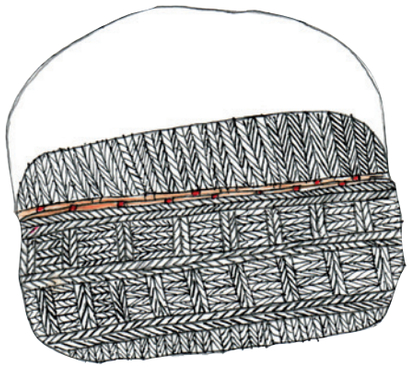


Os nossos avôs faziam o cesto *maturape* para guardar objetos pessoais como dentes de queixada, dentes de onça, fios de algodão, bolas de resina de breu e fio de curauá. O *maturape* é usado tanto pelos homens como pelas mulheres.

Os Wajãpi de outros subgrupos aprenderam a fazer esse cesto com o pessoal do subgrupo do Kõmakary.

Os grafismos *kusiwarã* dos trançados do *maturape* são: *upiuwarã, wakanã warã, myrysipirã, arapo'i* (padrão de peixe sarapó); *jãvĩ* e *jãvĩ piresiri* (padrões de cascos de jabutis).

Fazemos as bordas do maturape com talas da árvore jasita e com a fibra de curauá. Usamos a resina da árvore mani para passar nos fios de curauá antes de amarrar as bordas do *maturape*. Furamos o trançado com a agulha *kakusa*, para amarrar as bordas, e enrolamos o fio de curauá para fazer a alça do cesto. Quando não temos curauá, podemos usar fios de algodão para fazer esta costura e a alça.



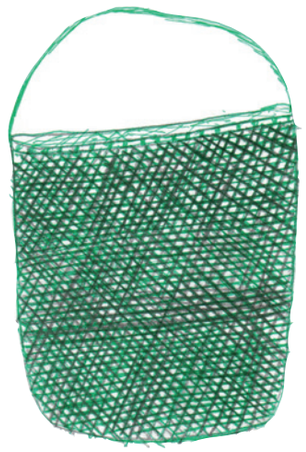
Uru karyru

Desde muito tempo atrás, nossos antepassados já sabiam fazer o cesto *uru karyru*, que tem uma tampa. Esse cesto é usado para guardar objetos de uso pessoal. Entre os homens ele é usado para guardar penas para fazer flechas, penas de gavião, dentes de onça, tabocas para fazer ponta de flecha, resina da árvore *mani* e outras coisas. Entre as mulheres, ele é usado para guardar fios de algodão e outros objetos de uso pessoal.

Para fazer esse cesto, primeiramente fazemos o trançado da base e depois o trançado do peixe sarapó nas laterais. Para deixar mais bonitos os trançados, pintamos o arumã com breu e casca de ingazeiro ou da árvore turiri. Os nossos avôs antigamente pintavam o arumã com casca de pequiá, que não fica tão bonito quanto a tinta que usamos atualmente.

Para o acabamento, primeiro usamos cipó para prender as bordas. Depois colamos com resina de breu e amarramos com fio da fibra de curauá. Quando terminamos, enrolamos o fio de curauá para fazer uma alça, para carregarmos nos ombros quando precisarmos.

Rykyry



O cesto rykyry é feito para guardar beiju. Quando nossas mulheres fazem beiju, elas guardam neste cesto. Ele também é utilizado para guardar moqueados de caça e coisas pessoais. As mulheres costumam usar esse cesto para guardar o algodão depois de colhido, novelos de algodão ou bolas de tintura de urucum.

Os homens fazem seu próprio *rykyry* para guardar suas coisas pessoais, como bolas de resina, tabocas para a ponta de flechas, fios da fibra de curauá e outros materiais que servem para fazer e consertar arcos e flechas. Essas são algumas coisas que os homens guardam dentro do *rykyry*.

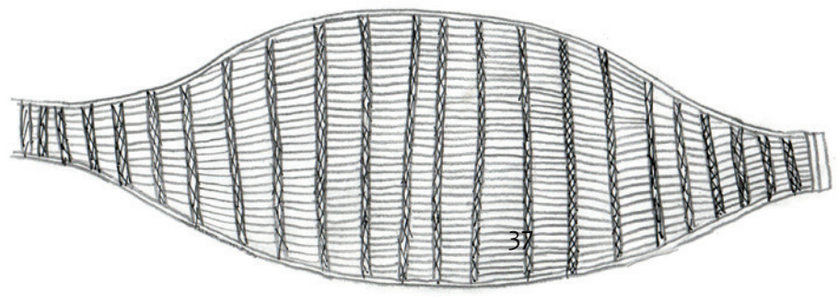
Quando homens e mulheres vão jogar timbó no rio, eles levam o *rykyry* para colocar os peixes que vão pegar.

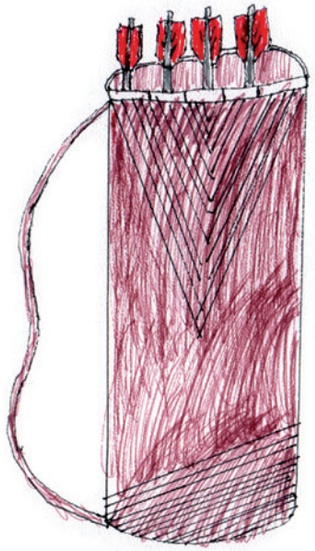
O *rykyry* também pode ser produzido com cipó titica, que é mais resistente do que o arumã. Nossos avós já sabiam fazer o *rykyry* desde nossas origens e continuam repassando esse conhecimento até hoje. Os mais velhos fazem os cestos com trançados bem-feitos, para durarem muito tempo. Algumas mulheres também fazem o *rykyry*, porque é bem simples de fazer. O conhecimento para fazer este cesto é básico para as crianças aprenderem a fazer outros utensílios importantes para os Wajãpi. Quando as crianças ou jovens já sabem fazer *rykyry*, mudam de etapa para aprender a fazer outros utensílios mais difíceis.

Masiwa

Também usamos as fibras de arumã para fazer um cesto chamado *masiwa*.

Temos dois tipos de cesto *masiwa*: o primeiro é menor, é feito com lascas mais grossas e serve para guardar moqueado de pimenta; o segundo é feito da mesma maneira, mas é maior, feito com lascas mais finas e serve para carregar peixes nas pescarias com timbó. Os dois tipos de *masiwa* são fáceis de fazer, porque têm um trançado simples.







Raparã rena

Há muito tempo os nossos avôs já sabiam fazer a bolsa para carregar flechas que chamamos de *raparã rena*.

O trançado dessa bolsa é parecido com o do tipiti. Antes de iniciar sua fabricação, precisamos medir o comprimento das fibras com uma flecha. Para fazer o acabamento, amarramos bem com a fibra do curauá.

Para fazer a alça da bolsa, temos que tirar a fibra de curauá bem grossa. A alça serve para pendurar a bolsa no nosso corpo. Quando terminamos de fazer a bolsa, colocamos nossas flechas dentro dela.

Antigamente, nossos avôs usavam essa bolsa para facilitar o manejo do arco e flecha e para se movimentar com rapidez pela floresta, principalmente nas guerras. Antigamente a gente não pintava o arumã para fazer a bolsa de flechas, mas hoje em dia podemos pintar.

Uru panakõ

Os nossos avós não usavam arumã para fazer o jamanxim, que chamamos de *panakõ* – isso eles aprenderam com os Wayana. Entre nós, Wajãpi, é mais comum fazer o *panakõ* com as folhas da bacabeira. Atualmente, somente o *tamõ* Sisiwa sabe fazer esse tipo de cesto cargueiro de arumã.



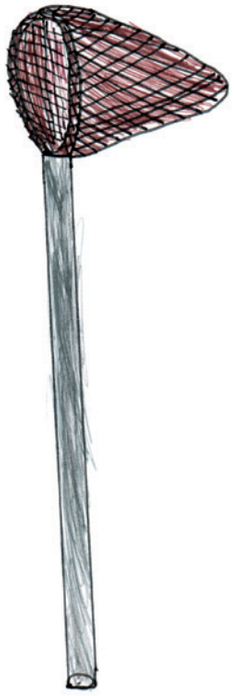
Sirita



Sirita é uma cesta que costumamos usar durante a pescaria com timbó. Para fazer esse utensílio, vamos buscar o arumã na mata e levamos para a aldeia. O primeiro passo para fazer *sirita* é cortar o arumã do tamanho certo, depois tiramos as lascas do talo, sem tirar a casca, e começamos a trançar.

Depois de terminar o trançado, saímos novamente da aldeia para pegar na mata uma vara chamada *yviro*, pois somente com ela é que se pode fazer o cabo da *sirita*.

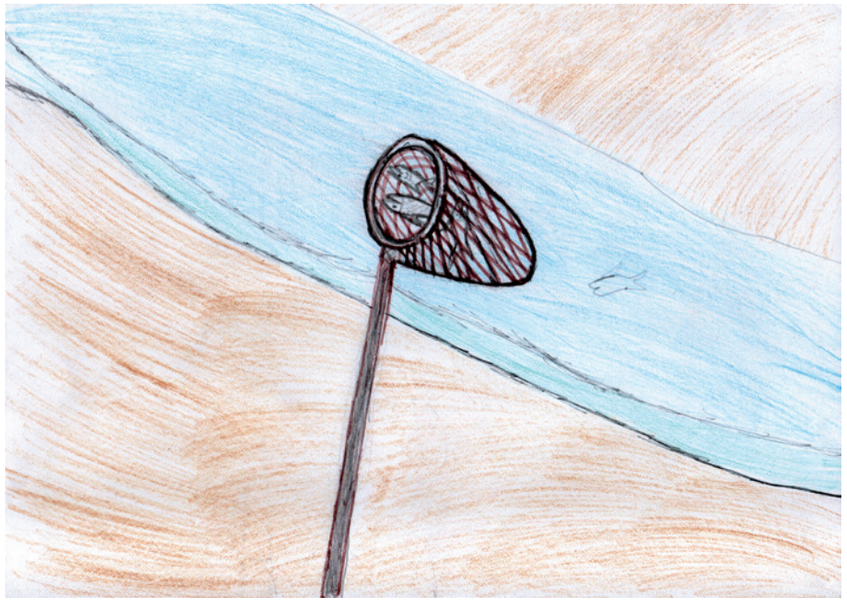
E muito bom usar *sirita* para pegar os peixes que estão sob o efeito do timbó. Ficamos esperando eles aparecerem na beira dos lugares onde o rio é mais fundo. Quando o peixe passa longe da beira, é só usar *sirita* para pegar.



Antigamente, a maioria dos nossos avôs não sabia fazer essa cesta. Eles pegaram esse conhecimento do subgrupo que vivia na região do Pirawiri e foram repassando para seus filhos e netos. Até agora nós aprendemos e repassamos esse conhecimento para as novas gerações.

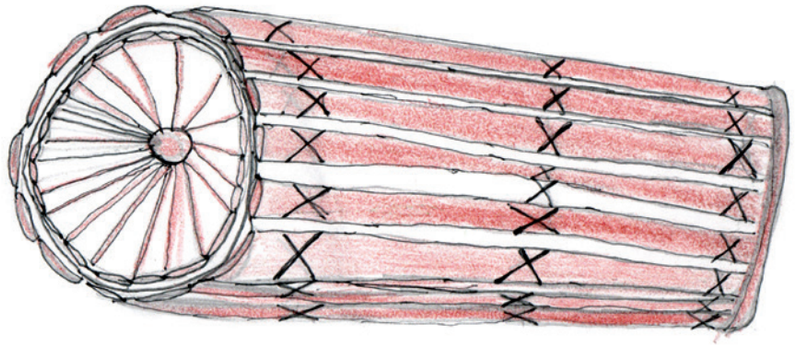
Wirika

O *wirika* outro tipo de cesto para pegar peixes quando pescamos com timbó. A gente amarra uma vara comprida nele para poder pegar os peixes que ficam tontos com o veneno do timbó. O *wirika* é feito de arumã e cipó titica. Com o cipó a gente faz o acabamento do cesto.



Masiwa

Também fazemos uma armadilha de pesca que alguns subgrupos wajãpi chamam de *masiwa* – o mesmo nome que damos a um cesto que descrevemos acima. A armadilha é feita de arumã, com uma entrada arredondada em forma de funil e uma saída bem estreita, de modo que o peixe consegue entrar, mas não consegue sair. Os não indígenas chamam essa armadilha de matapi.



OUTROS OBJETOS FEITOS DE ARUMÃ

A’y sõ’ã



O *a’y sõ’ã* é um tipo de capacete utilizado na festa do *pakuwasu* (festa do peixe pacu-açu). Só podemos fazer esse capacete quando vai acontecer essa festa – e somente durante a preparação da festa os jovens têm oportunidade de aprender. Ele só pode ser produzido quando estamos bebendo caxiri. Dá azar fazer o *a’y sõ’ã* sem caxiri ou quando não vai acontecer a festa do *pakuwasu*. Então, o *a’y sõ’ã* não é para fazer em qualquer momento, como fazemos outros utensílios.

Depois que a festa termina, não jogamos fora o *a’y sõ’ã*, porque

ele é muito bonito e serve também como um tipo de cesto para guardar coisas de uso pessoal. No final da festa, as mulheres sempre levam o *a'y sõ'ã* para pendurar na casa delas, para utilizar para guardar as coisas. Ele também é guardado para mostrar para as crianças ou jovens.

E muito difícil fazer o *a'y sõ'ã*. Na fase final do acabamento, temos que amarrar bem. A amarração tem que ser bem-feita, porque a festa vai durar um dia inteiro e também porque o capacete precisa suportar uma estrutura pesada durante a festa. Se o capacete não aguentar o peso e rasgar, vai dar azar para a pessoa que o produziu.

Na festa do *pakuwasu*, também usamos arumã para fazer uma miniatura de pessoa, que chamamos de *mirã rã'ãga*. No final da festa, os participantes atiram flechas na direção do *mirã rã'ãga*. Isso faz parte dos acontecimentos dessa festa. Só não podem flechar para acertar, para não ficarem com azar, enlouquecerem ou até mesmo morrerem. Não podemos flechar o *mirã rã'ãga* porque essa miniatura tem um princípio vital (*i'ã*) e também tem seu dono (*ijarã*), que é o dono do arumã, material do qual ela é feita. Isso é importante: quando um trançado de arumã é finalizado, ele continua conectado ao seu dono; por isso, não podemos fazer qualquer coisa e tratar de qualquer jeito os artefatos, ornamentos e utensílios de arumã.

Como aprendemos a fazer *a'y sõ'ã*

Há muito tempo, o *tamõ* Manu, que vivia na aldeia Mãtõ Peke'a Warã, sabia fazer o *a'y sõ'ã* e a festa do *pakuwasu*. Ele convidava outros subgrupos wajãpi para participarem. Depois, esse conhecimento de fazer o *a'y sõ'ã* foi repassado para o *tamõ* Seremete, da aldeia Warare Aravõvõ, e depois para o *tamõ* Namirõ, da aldeia Pypyiny. Esses conhecedores ensinaram também para seus filhos, e até hoje esse conhecimento é repassado entre os Wajãpi.



Quando eram jovens, nossos antepassados faziam o *a'y sõ'ã* e cuidavam bem de suas produções. Assim, eles aprendiam e não esqueciam. Antigamente, era costume pendurar os utensílios e artefatos produzidos embaixo da casa. Isso inspirava as outras pessoas a aprender a fazer.

Para fazer o a'y sõ'ã, primeiro os jovens iam caçar, porque eles não trabalhavam sem comida. Depois de ter comida e a bebida que as mulheres faziam na aldeia, eles se reuniam para fazer o *a'y sõ'ã* e outros utensílios.

Nas nossas festas, os conhecedores das danças e cantos não podem oferecer e fazer a festa para uma comunidade por iniciativa própria. São os chefes das aldeias que devem convidar o conhecedor e pedir para ele fazer a festa para suas comunidades. Assim as crianças e jovens da aldeia podem ver, participar e aprender as festas. Foi assim que outros subgrupos wajãpi aprenderam essa festa do *pakuwasu* que era conhecida pelo *tamõ* Manu.

Mas hoje em dia os jovens não sabem fazer bem o *a'y sõ'ã*, nem a festa do *pakuwasu* e outras festas. O celular atrapalha a vida dos jovens. Antigamente, os jovens ficavam muito felizes quando tinha uma festa com o nosso caxiri. Todos se pintavam com urucum, dançavam e cantavam também.

Colar de *uru po'yry*

Antigamente, quando não tínhamos miçangas, os nossos antepassados produziam um colar de bolinhas de arumã que chamamos de *uru po'yry* para a gente se enfeitar. E um pouco difícil aprender fazer o *uru po'yry*. A pessoa que não sabe precisa praticar muito tempo para dominar a técnica de produção dessas bolinhas. Hoje em dia, poucas pessoas ainda fazem e usam o colar de *uru po'yry*.

Esse colar também serve para as crianças não adoecerem. Para isso, os pais produzem o colar e colocam no pescoço da criança. O uso do *uru po'yry* pode evitar que ela pegue um tipo de febre longa que chamamos de *karay wasu*



Soarapa pirerã

Soarapa é um tipo de borduna usada pelos Wajãpi como arma. Usamos o arumã para fazer uma capa para o cabo desta arma. Primeiro queimamos o breu embaixo de uma panela e raspamos a fuligem com a casca da árvore *sisi*, fazendo uma tinta preta que é usada para a pintura do arumã. Além disso, usamos a tinta de urucum para pintar o arumã de vermelho. Depois de pintadas e separadas, as lascas de arumã são trançadas para dar um acabamento bonito, combinando as cores.

Fazer essa borduna é um trabalho difícil, geralmente realizado por pessoas experientes. Não é um objeto de uso diário, mas sim para ser usado em situações de guerra e conflito. A madeira usada na sua fabricação precisa ser a da árvore *paira'y*. Para enfeitar o *soarapa*, também colocamos penas de tucano no cabo.



Temos uma regra que proíbe pessoas com filhos recém-nascidos de trabalhar na produção de *soarapa*, pois isso pode afetar a criança pequena. Os donos (*ijarã kõ*) dos materiais usados na produção da borduna, como o arumã, podem perceber o cheiro da criança através do princípio vital (*i'ã*) dela, que ainda é frágil e fica conectado ao princípio vital do pai. Por isso, se o pai desobedece essa regra, a doença vai aparecer no seu filho.

Wyra rã'ãga

As *wyra rã'ãga kõ* são miniaturas de pássaros feitas de arumã, que são usadas em algumas festas para enfeitar as varas e as flautas de embaúba utilizadas nas danças.

As miniaturas das aves são usadas nas festas do gavião-tesoura, do pica-pau, da garça-branca, do pombo *tukuruve*, da juriti e do japu. Em cada festa, fazemos miniaturas do pássaro que dá nome à festa. Essas festas de pássaros sempre acontecem à noite, não podem ser realizadas de dia.

Geralmente, nas festas de pássaros são utilizadas duas miniaturas de pássaro e uma miniatura de onça para enfeitar as flautas. O toque da flauta enfeitada com a miniatura da onça é diferente das outras flautas enfeitadas com pássaros. Na festa da juriti, fazemos duas miniaturas do pombo com fibras de arumã cobertas de algodão e uma miniatura da onça coberta com penas de pássaros, que colamos com a resina da árvore maçaranduba.



Awasirõ rã'ãga

Também fazemos miniaturas de espigas de milho, que chamamos de *awasirõ rã'ãga*, para usar na festa do milho. O trançado de arumã destas miniaturas é parecido com o trançado do cesto *rykyry*. Depois de trançar, tiramos a fibra da entrecasca da árvore tauari para amarrar bem as miniaturas embrulhadas em folhas de murumuru na ponta de varas compridas. Depois enfeitamos essas miniaturas com fibras de curauá, que ficam parecendo o cabelo da espiga de milho.

Na festa do milho também são usadas três miniaturas do pássaro-preto (*wãrãinã*), que fazemos e amarramos na ponta das varas.

Mirã rã'ãga

Mirã rã'ãga é uma miniatura de gente utilizada em algumas festas, como a do *pakuwasu* e a festa do Tamoko. Para fazer *mirã rã'ãga* podemos usar a fibra de qualquer tipo de arumã. Trazemos para casa o arumã comprido e depois o cortamos na medida certa.

O trançado dessa miniatura é parecido com o do cesto *rykyry*. Nós trançamos as pernas e braços da pessoa na grossura de um tipiti pequeno. O acabamento faz com que a miniatura fique bem parecida com um boneco. Depois, colocamos uma tanga nesse boneco e amarramos bem a miniatura na ponta de uma vara.

Na hora da festa, os participantes ficam flechando a miniatura e sempre errando, como se fosse um tipo de brincadeira. Como já explicamos, eles não podem acertar essa miniatura com suas flechas, pois isso pode causar azar, doença ou até morte para a pessoa ou para sua família. A regra é não acertar a miniatura, porque isso é muito perigoso.

Quem tem filho recém-nascido não pode trançar as miniaturas e também não pode dançar nas festas. O princípio vital (*i´ã*) do bebê



novinho é frágil e muito ligado com o do pai. Assim, se o pai dançar na festa, pode pisar no *i´ã* da criança e depois ela vai ficar muito cansada, com muito sono e vai adoecer. Se o pai beber muito caxiri, a criança vai ficar com a barriga cheia de gases igual a pessoa que bebe muito caxiri.



Outros materiais usados na produção dos artefatos e utensílios

MATERIAIS PARA FABRICAÇÃO DE TINTAS

Resina de breu

O breu (*turi*) é uma árvore que produz uma resina que usamos para pintar as cestarias feitas com o arumã. O breu é muito bom para pintar o arumã porque a tinta demora muito para sair.

A resina fica grudada no tronco das árvores e nós tiramos com o uso de uma vara, terçado ou faca. Depois que tiramos, colocamos o breu para secar para ficar mais fácil de preparar a tinta. Primeiro queimamos a resina embaixo de uma panela velha. Deixamos queimar por alguns minutos, para formar uma fuligem na panela. Depois, usamos a entrecasca do ingazeiro (*sisi*) para tirar a fuligem da panela e aplicar no arumã.

As árvores de breu têm seu dono, que é parecido com a larva que chamamos de *pisu kãsi*. Nos tempos antigos, o dono do breu falou para nossos antepassados que as pessoas que têm filhos recém-nascidos não podem tirar breu. Se tirarem, seus filhos vão ficar com feridas na cabeça. Quando aparecem feridas nas crianças pequenas, sabemos que foram causadas pelo dono do breu, porque ficam parecidas com a resina grudada no tronco da árvore. Por esse motivo, a pessoa que tem um filho recém-nascido tem que pedir para outra pessoa tirar breu para ela.

Os porcos do mato – queixada e caititu – também usam o breu. Eles esfregam seus corpos no tronco dessa árvore para curar carrapatos, bicheiras e espantar seus predadores.

Tem muitos tipos de árvores de breu na Terra Indígena Wajãpi. Essas árvores podem ser encontradas nas terras planas, na encosta das montanhas e nas beiras dos rios. Só no igapó que tem poucas árvores de breu.







Turi para

Essa espécie de árvore dá mais resina do que os outros tipos de breu. Quando sai da árvore, esse tipo de breu fica da cor de uma resina que chamamos de cocô da lua (*jay reposi*). Não sabemos de qual árvore se origina o cocô da lua – é uma resina bem amarela, difícil de encontrar na floresta. Mas, quando pintamos o arumã com *turi para*, a fibra fica bem preta. Encontramos esse tipo de breu na região da aldeia Karavõvõ.

Turi pee

Essa árvore de breu dá um tipo de resina muito fina, que não fica grossa quando escorre e gruda no tronco da árvore. Não tem a época certa para tirar a resina desse tipo de espécie de breu. Pode tirar em qualquer época do ano, seja inverno ou verão.

Ajawa turi

Nós também tiramos a resina do *ajawa turi* para pintar o arumã. No meio da resina dessa árvore tem pequenas partes bem branquinhas. Esse tipo de breu é muito bom para pintar o arumã.

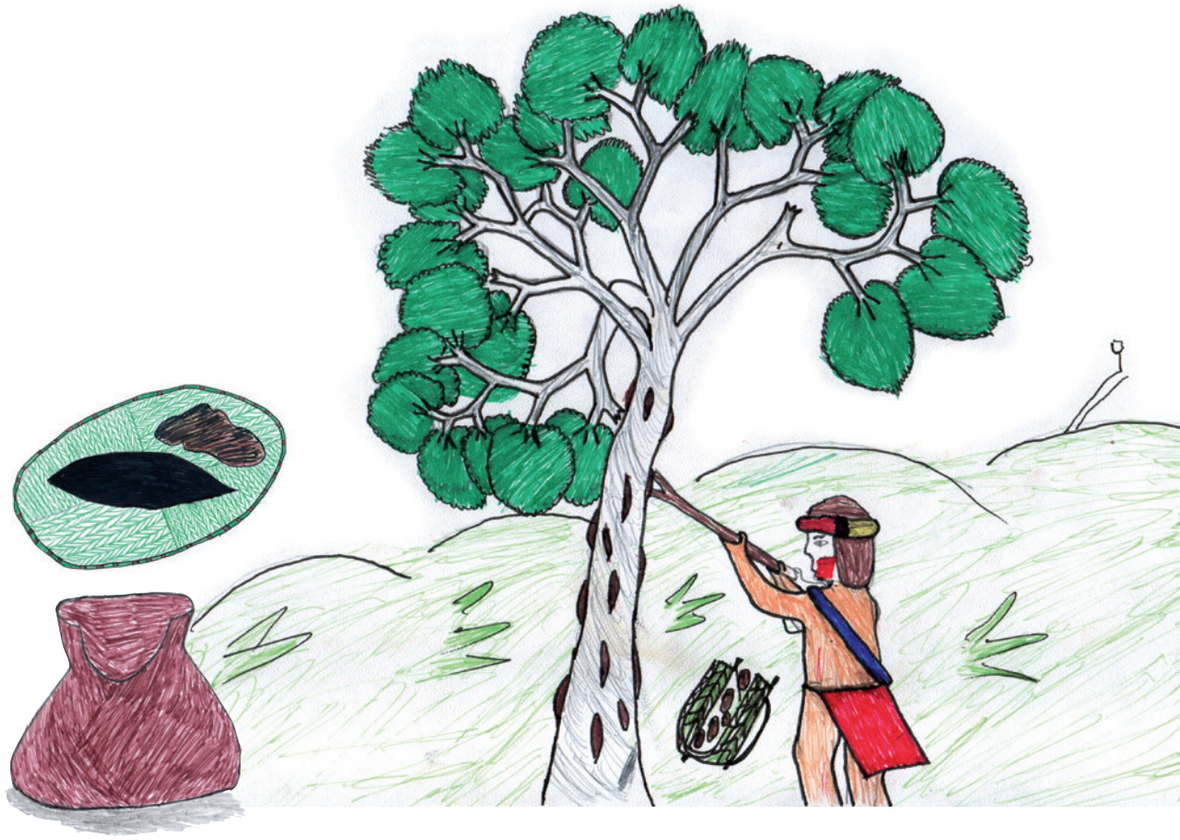




Yvy jyy

Yvy é outro tipo de árvore que também dá resina no tronco, como a árvore de breu. Essa resina é muito usada para fazer o acabamento das pontas de flechas e alguns Wajãpi a utilizam para pintar o arumã.

Para pintar o arumã, primeiro precisamos tirar a resina *yvy* e levá-la para queimar em uma panela de barro ou em uma panela de metal bem velha e amassada. Para fazer a pintura, primeiro, descascamos o arumã, depois passamos a resina de *yvy* nos talos descascados, tiramos as lascas dos talos e então fazemos os trançados.







Mãni pijõnã jyy

A massa de resina da árvore de *mãni* fica bem pretinha. Ela serve para passar nos fios de curauá para eles ficarem bem fortes e resistentes.

Entrecasca do ingazeiro

A entrecasca do ingazeiro (*sisi*) também é usada para fazer a tinta para pintar o arumã. Primeiro, a gente tira a casca da árvore, raspa a parte de dentro e depois usa essa fibra para misturar com o breu queimado grudado na panela e pintar o arumã, que fica bem preto. Nós gostamos de comer a fruta dessa árvore, assim como os animais e aves.



Turiri

Turiri é um tipo de arvore parecido com o ingazeiro. Raspamos a casca dessa arvore para misturar a entrecasca com breu queimado e logo em seguida passar essa mistura no arumã, para ele ficar bem preto.

A pintura do talo de arumã com essa mistura muda de acordo com o tipo de utensilio. Por exemplo: nós não pintamos o talo inteiro para fazer o cesto *matura*, mas pintamos inteiro para fazer o cesto *panakari*.

A árvore *turiri* existe em vários ambientes, como nas montanhas e nas áreas planas. A fruta dela é parecida com a fruta de rabo de camaleão (*jõemo'i*)

Quem tem filho recém-nascido não pode mexer com essa árvore, senão seu filho não vai conseguir fazer cocô. Isso acontece poque a casca do turiri seca muito rápido, então pode causar um efeito parecido para a criança, e isso é muito perigoso.

Urucum

Além da tinta preta que fazemos com resinas das árvores de breu e outras árvores, nós também podemos pintamos o arumã com urucum, de cor vermelha, para trançar os artefatos. Nós pintamos o arumã com a massa de urucum e, às vezes, com a própria fruta.

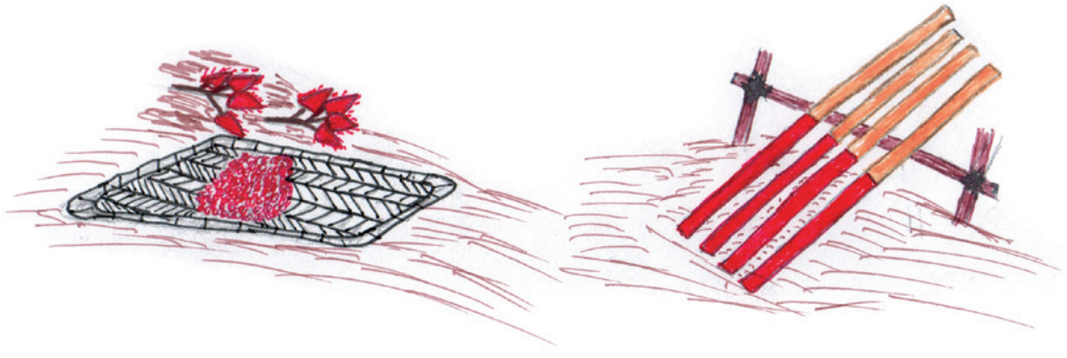
Para pintar, a gente mistura o urucum com entrecasca do ingazeiro e assim passamos no talo de arumã para ele ficar com a cor vermelha. Depois colocamos o arumã no sol para secar e, em seguida, tiramos as fibras do arumã para trançar os artesanatos e utensílios. Se a gente tirar as fibras de arumã antes de secar a tinta, a cor vermelha vai sair quando começarmos a trançar as fibras.

Foi da região do Pirawiri que os nossos avós trouxeram urucum para plantar aqui e foi assim que eles foram repassando para os outros



subgrupos wajãpi. Eles trouxeram vários tipos de urucum: urucum branco, urucum vermelho, urucum amarelo, *kuripapa* e *sarapõpõ akã*.

Quem tem filho recém-nascido não pode pintar arumã com urucum, senão seu filho pode adoecer, ficar com febre e passar o dia todo dormindo.



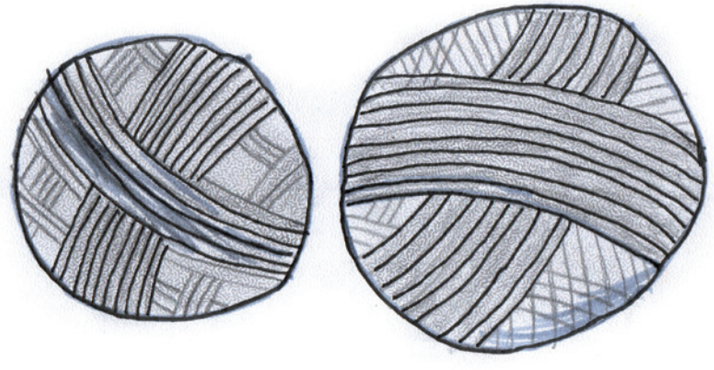


Curauá

Plantamos o curauá e usamos suas fibras para amarrar as peneiras, os cestos e outros objetos que fazemos com arumã. Primeiro a gente tira a fibra das folhas e enrola para fazer os fios. Depois, colocamos os fios no sol ou em cima do fogo para secar. Depois, passamos resina de breu ou de outra árvore nos fios, para eles ficarem mais fortes e resistentes. Usamos o fio de curauá para amarrar as varinhas dos cestos e das peneiras, para ficarem firmes e não entortarem.

Algodão

Quando não temos o fio de curauá, que é mais resistente, usamos fios de algodão para amarrar a bordas do abano *tapekwa*, do tipiti e de outras cestarias.



Kakusa

Kakusa é um tipo de agulha feita de chifre de veado que usamos para costurar a bordas do abano *tapekwa* e dos cestos *matura* e *maturape* com o fio de curauá. Passamos uma massa de breu no fio para segurar bem a costura.

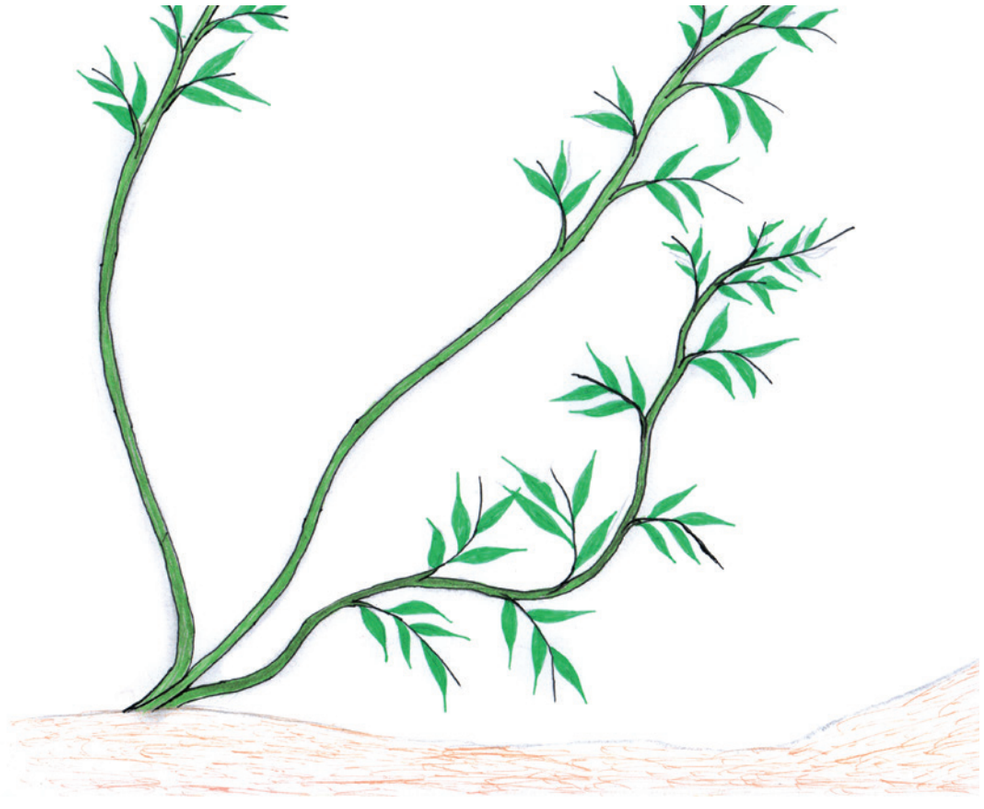




Jasita

O *jasita* é parecido com a pupunha. Nós não encontramos *jasita* em qualquer lugar, somente nos igapós e na beira dos rios. Tiramos sua madeira para fazer o apoio, os pezinhos e as bordas do *panakari* e do matura, na fase do acabamento.

O *jasita* tem espinhos da base do tronco até em cima. Quando tiramos sua madeira, raspamos todos os espinhos do tronco e partimos ele no meio. Depois tiramos fios de curauá para amarrar as talas de madeira do jasita nas bordas do *panakari* e do *matura*, fazendo o acabamento final.



Vyva'y

Vyva'y é uma planta que usamos para fazer nossas flechas e chamamos também de cana de flecha. Usamos o talo de *vyva'y* nas bordas do *panakari* e do *uru karyru*, para fazer o acabamento desses cestos. Partimos o *vyva´y* ao meio na quantidade certa para ser usada nas bordas dos cestos.





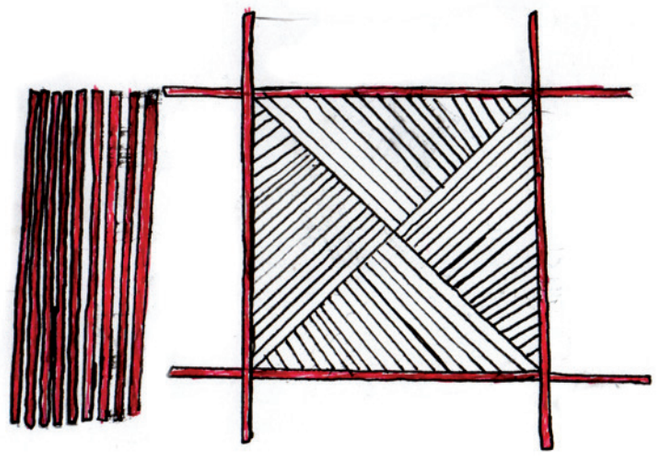
Asimou

O *asimou* é o cipó titica grosso que usamos em volta do cesto *matura* para ele ficar firme e não dobrar. Esse cipó vive nos igapós e na floresta de terra firme.

Yvyra sirikwerã kõ

Yvyra sirikwerã kõ é como chamamos as varinhas que usamos para colocar nas bordas das peneiras *orõpe ãnã* e *orõpe araveka*. Nós tiramos essas varinhas da madeira de uma árvore que chamamos de *tãivĩ yy* ou *tarakwa'y*.

Essa madeira é bem resistente. Para fazer as varinhas, derrubamos um pé que está ainda pequeno. Encontramos esta árvore onde a floresta é plana e não tem igapó.



Tepisi rãe

O *tepisi rãe* é uma vara que fica por cima da cabeça do tipiti. Ela serve para segurar a cabeça do tipiti enquanto a vara de baixo, que chamamos de "marido do tipiti" (*tepisi menã*), estica o tipiti para espremer a massa de mandioca que está dentro dele.

Na cabeça do tipiti colocamos uma casca de ouriço de castanha para a massa de mandioca não cair para fora quando o tipiti é esticado.







Retirando arumã para produção de utensílios, aldeia Komakawyry.





No alto, *uru po'yry*, aldeia Komakawyry. À esquerda, pintando arumã com urucum, aldeia Mariry.











Oficina de produção de utensílios em arumã na aldeia Mariry.





Oficina de produção de utensílios em arumã na aldeia Mariry.









Produção de *tepisi* na aldeia Mariry.





Produção de *tepisi* na aldeia Manilha.







Produção de *orõpe my'yi*, (ou *orõpe ãnã*) aldeia CTA.





Produção de *orõpe*, aldeia Yvyrareta.







Produção de *wirika*, aldeia Aruwa'ity.







Produção de *a'y so'ã*, aldeia Kwerekwere.





No alto, *orõpe teau* na aldeia Akaju. Ao lado, produção de *tepisi* na aldeia Kwapo'ywyry





Kã'ãi rena, matura, panakari e *uru karyru.*









Páginas 82 a 87, processamento da mandioca com o uso de utensílios de arumã para a produção de *kasiri*.

































Páginas 88 a 95, processamento da mandioca com o uso de utensílios de arumã para a produção de beiju e farinha.





































Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Trançando arumã : saberes e práticas dos homens Wajãpi. -- São Paulo : Iepé - Instituto de Pesquisa e Formação Indígena, 2026.

Vários autores.
Vários coordenadores.
Vários colaboradores.
ISBN 978-65-89357-17-9

1. Arte indígena 2. Povos indígenas.

26-380400.0 CDD-704.09

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte indígena : História 704.09

Livia Dias Vaz - Bibliotecária - CRB-8/9638

Iepé – Instituto de Pesquisa e Formação Indígena
Rua Ariosto Buller Souto, 134 – 05615-030 São Paulo SP
Avenida dos Caramuru, 281 – 68902-100 Macapá AP

Para saber mais sobre o Iepé, consulte
www.institutoiepe.org.br

Nos tempos das origens, os nossos antepassados (*taivigwerã*) não sabiam fazer artefatos de arumã. Naquela época, eles conviviam com o nosso dono e criador Janejarã aqui na terra. Depois Janejarã criou o arumã, que apareceu em grande quantidade na floresta, principalmente nos igapós, nas matas alagadas e na beira dos igarapés. No início, o arumã se trançava sozinho e ele mesmo criava alguns tipos de utensílios. O próprio arumã tirava sua fibra e se trançava para fazer os artefatos. Janejarã perguntou se isso estava bom para nossos antepassados. Eles disseram que não. Disseram que não queriam que fosse assim e pediram para aprender a trabalhar com o arumã. Desde então, o arumã parou de se trançar sozinho. Janejarã falou que dali para frente os nossos antepassados deveriam aprender a fazer os trançados e artefatos de arumã.



CONSELHO DAS ALDEIAS WAJÃPI APINA

iepé

AWATAC
ASSOCIAÇÃO WAJÃPI TERRA, AMBIENTE E CULTURA

União Europeia

Rainforest Foundation Norway

ISBN: 978-65-89357-17-9
9 786589 357179
C3L